

## REVELAÇÕES SOBRE JOSÉ LINS DO REGO

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

Passsei e repassei, em Maceió, pela última casa onde morou José Lins do Rego. Olhando para aquela porta e duas janelas à beira-mar, eu reconstituía episódios, conversas, cacoetes, traços físicos do José Lins de então.

Dos caracteres físicos, o predominante, e de que, com o tempo, o escritor viria a despojar-se, eram as costeletas. Longas e largas, davam-lhe um jeito pedante, agravado pela indefectível presença de um monóculo.

Era José Lins do Rego ainda bem moço ao chegar a Maceió; andaria pelos vinte e seis anos. Talvez por trás do monóculo e costeletas se escondesse o intento de ampliar, com uma aparência mais notável, a autoridade que lhe conferia a sua colaboração domingueira no *Jornal de Alagoas*.

Aqueles artigos, escritos em linguagem quase oral, num estilo conversado, transbordantes de pitoresco, deram-nos a conhecer — a Valdemar Cavalcanti, a mim, e a vários outros — figuras como Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, e aos poucos lançaram por terra o nosso culto dos antigos valores. Graças a eles principiamos a aceitar a poesia moderna, a enxergar outras zonas poéticas acima do parnasianismo, cuja superioridade era para todos nós ponto pacífico.

Um domingo (lembro-me bem), José Lins desancou um poeta semiparna-

siano da terra, apontando-lhe à inspiração novos caminhos. Aquilo deu-me um abalo dos diabos; porém de certo modo me agradou. No domingo seguinte, novo artigo, agora treplicando ao poeta, que se defendera zangado. Aí o escritor manifestava, além do espírito crítico, um talento polêmico dos mais devastadores que já vi. Parte da edição da obra era de luxo: tinha a capa encadernada em madeira vistosa, algo achamalotada, e bem envernizada. Pois José Lins dizia ser aquilo "uma bela edição da Serraria Modelo". Quanto à substância do artigo, agrada-me lembrar que, nos meus quinze a dezesseis anos de então, eu sabia sentir-lhe a importância. O poeta descrevia, a dada altura, uma farinhada, mas sem originalidade alguma. José Lins lamentava que, em vez de oferecer ao leitor o belo, o forte espetáculo daqueles homens seminus, em suada luta de que resultaria a farinha, o poeta só se impressionava com "O pão de Deus que se transforma em pó", da chave de ouro.

Estava, pois, José Lins na minha admiração, conquanto eu não aprovasse alguns deslizes e desmandos seus em matéria de língua e estilo. Tanto assim que, quando Elias Sarmiento, um velho dado a entreveros gramaticais, atacou de rijo, numa "carta sem selo", publicada no jornal católico *O Semeador*, certos descuidos do crítico, entre os quais um "pés felinos de gato", eu dei razão ao velho.

Corre o tempo, continua a colaboração, José Lins do Rego cresce aos nossos olhos. Um belo dia aparece prefaciando os *Poemas* de Jorge de Lima, 1927. Já éramos capazes — e o prefácio ainda mais capazes nos tornou — de compreender e aceitar em cheio aqueles versos, de não reagir ante eles como um ano atrás reagíramos em face da publicação de *O Mundo do Menino Impossível*, do mesmo poeta.

Admirando assim o escritor, eu não tinha, contudo, aproximação com ele. Um contato rápido, em seguida a uma apresentação que dele me fez Aloísio Branco — excelente figura literária, irrealizada, pois que cedo se foi, e que chegou a ser conhecido em algumas partes do Brasil pelo "Pôema em Louvor do Telefone" —, como que lhe dilatou as costeletas e o monóculo. O ar de superioridade irônica emanado daqueles tremendos apêndices cresceu de ponto, e, conquanto amáveis as suas palavras, senti-me encaramujado e murcho numa timidez quase sem gestos e sem língua. Que interesse poderia ter José Lins do Rego na amizade dum vago aspirante a literato, tão vago que a bem dizer nada escrevera afora uns versos infamíssimos?

Contentei-me, pois, com a devoção a distância do ídolo. Aloísio Branco, Valdemar, que com ele já privavam, contavam-me das esquisitices do homem; falavam-me dos seus modos bruscos, dos seus livros, da sua letra miúda e ruim.

Da letra, aliás, tive eu também notícia pelo comentário dum professor de

francês, que ensinava a José Lins, e com quem Valdemar e eu estudávamos juntos. Esse professor, francês de origem, merece algumas linhas. Velho, magrinho, barbicha grisalha em ponta, como para rimar com o nariz, fino e também pontudo, esbanjava a palavra *filosofia*. Topava filosofia a torto e a direito nas composições de seus alunos. Banalidades as mais cândidas, os mais comuns dos lugares-comuns, tão naturais em quem escreve, tateante, em língua que não domina, eram, para o bom velhinho, *filosofie*. Assim mesmo: *filosofie*, como se fosse palavra da nossa língua. Pois numa das aulas o velho, depois de nos agradecer, mais uma vez, com o título de filósofo, graças a umas vulgaridades que eu e Valdemar escrevêramos sobre "Le Mariage", acrescentou, com a sua voz frouxa, meio sibilante, por entre cacos de dentes:

— José Lins também tem muita *filosofie*; mas a letra... uh!...

Essa revelação a propósito da letra, claro que muito me interessou; porém o que mais me feriu a curiosidade foi a filosofia de José Lins do Rego. A despeito da largueza com que o velhote distribuía a palavra, ficara-me o desejo de conhecer o filósofo. Não apenas o filósofo, mas também, e sobretudo, o sabelor de francês. Sempre imaginava José Lins bem mais adiantado que nós outros, seus admiradores. Quantas coisas em magnífico francês não escreveria sobre o casamento ou as suas ocupações diárias! Confessando a Valdemar a minha curiosidade, prometeu-me ele ver se, numa das próximas visitas ao escritor, lhe examinava o caderno de exercícios de francês. E dias depois me declarou:

— Eu vi os exercícios do José Lins. Ele erra um bocado; bom como a gente.

Muito desiludido me senti; mas um pouco desafogado. Reduziam-se as barreiras entre a minha timidez e as costeletas do grande homem. A frugalidade dos conhecimentos de francês apequenava sensivelmente as costeletas atrevidas, humilhava a arrogância do monóculo.

Mais ou menos por esse tempo, levou-me Valdemar Cavalcanti à casa de José Lins do Rego. Não era ainda a casa da Avenida da Paz, mas a da Rua Barão de São Félix, muito perto. Estava ele concluindo longo ensaio sobre Gilberto Freyre, do qual nos leu alguns trechos, e que viria a rasgar, por insatisfação do estudado. Arrisquei, se não me engano, umas quantas observações, que o escritor ouviu com atenção simpática. Mas, a despeito da simpatia e da atenção, nem dessa vez a camaradagem com José Lins do Rego deitou raízes.

As raízes brotariam bem mais diante, em fins de 1932, com o aparecimento de *Menino de Engenho*. Não me foi dado ler o original, como a Valdemar Cavalcanti, que o datilografou. Mas, publicado o volume, recebi um exemplar.

Certa noite, o romancista encontrou-me na rua. Cumprimentamo-nos, e eu lhe falei acerca da novela. Ele tomou-me do braço, e não me largou durante mais de meia hora. Minudencieei passagens e aspectos da obra — e notava que, embora as observações não fossem lá grande coisa, pareciam tocar fundo o autor. Talvez pelo sentido lírico, meio sentimental, de que vinham carregadas. Referiam-se a tipos e fatos comuns à minha meninice, a paisagens, ao cabo de contas, tão parai-banas quanto alagoanas. Era José Lins um romântico, e as minhas palavras estariam revolvendo lembranças que ele transportara para o livro. Porém naquele enternecimento haveria porventura, acima de tudo, um alvoroço de paternidade primeira e recente.

Já era estreita a ligação, quando eu e Valdemar dormimos umas noites em casa do escritor, cuja família se achava ausente. A casa era grande, e ele temia a solidão. Contudo, não seria por medo, mas decerto por alguma irregularidade nervosa, que ele por vezes, sem querer, nos despertava, tarde da noite, bradando palavras desconexas, nuns sonhos bem seus. Porém, tirante o hiato desses pesadelos, o sono decorria-lhe normal e repousante; tanto assim que, madrugador, às seis horas já estava ele, infantilmente alegre, aos berros pela casa inteira. Tínhamos de acordar:

— Valdemar Cavalcanti e Aurélio Buarque de Holanda, conhecidos “chantas”!

“Chanta” era abreviatura sua de *chantagista* — palavra muito freqüente na boca de José Lins do Rego em relação a amigos seus.

Porque ninguém mais inclinado a brincadeiras, de toda espécie. Verbais: apelidos, anedotas e mentiras a respeito dos companheiros e conhecidos. Físicas: petelecos atrás da orelha, ou um golpe com o joelho por trás do joelho da pessoa com quem ia andando. Verga-se a perna da vítima, que parece ir ao chão, e José Lins solta uma gargalhada:

— Ó rapaz, você está fraco. Precisa comer feijão!

Das brincadeiras verbais há uma curiosa. Em frente dum café, o Café Central, de Manuel Cupertino da Silva, onde habitualmente se reunia o nosso grupo, e hoje imortalizado em páginas de *Angústia*, achava-se um dia José Lins com um grupo de que fazia parte Graciliano Ramos, chegado de Palmeira dos Índios desde 1930. Anoitecia; e um morcego — vindo ninguém sabe donde, nem como — mansamente pousou no ombro do romancista alagoano. Não vale investigar as razões íntimas e sutis da preferência do bicho. Os morcegos, ao que parece, são dados a essas visitas literárias; como se sabe, um deles já entrou no quarto

de Augusto dos Anjos, à meia-noite (“Meia-noite. Ao meu quarto me recolho. / Meu Deus! E este morcego! / E agora vede: / Na bruta ardência orgânica da sede, / Morde-me a goela ígneo e escaldante molho”). O certo é que o morcego pousou (àquela hora, que não era a da meia-noite, como a escolhida pelo outro para visitar o grande poeta paraibano, ou pelo corvo para bater à porta de Edgar Poe), pousou no ombro de Graciliano Ramos, com a mesma naturalidade com que a ave preta se instalou no busto de Palas. Surpreendeu-nos aquele pousar; e da surpresa passamos em breve ao riso. Então José Lins tomou a palavra:

— Sim senhor, Seu Graciliano! Cultivando o seu morcego, hem? E, voltando-se para os outros:

— Isso é um morcego domesticado que o velho usa para se poder dizer que ele é um infeliz, que “um morcego pousou na sua sorte”. . .

Outras lembranças de José Lins do Rego me trouxe, ainda, aquela casa da então Avenida da Paz. Recordou-me outros fatos que, tal como os anteriores narrados, poderão servir para o estudo da personalidade rica do escritor.

Não foi só o caso do morcego que arrancou de José Lins uma pilhéria com o velho Graciliano Ramos. Há mais alguns. Vamos a um deles.

Tinha o romancista de *S. Bernardo*, como nem todos ignoram, suas tinturas mais ou menos fortes de coisas de ciência. Geografia e História parece que ele sabia como gente grande; disqueteava de vez em vez sobre economia política; e não raro, com aquele ar manhoso de modéstia, aventurava-se a digressões a respeito de Antropologia. Eram os seus “conhecimentos de almanaque”, como ele usava dizer. Para muito lhe serviram os ócios de comerciante e de político em Palmeira dos Índios.

Ora bem. Um belo dia, caminhavam José Lins do Rego e Graciliano Ramos por uma das ruas de Maceió, quando passa uma jovem paraibana, conhecida do primeiro. Moça branca, branquíssima, com os indícios todos da mais insólita branquidade. José Lins cumprimenta-a, e logo depois Graciliano Ramos atira à queima-roupa:

— Preta!

— Preta coisa nenhuma, Seu Graciliano! Conheço a família da moça como a palma das minhas mãos. Gente branca dos quatro costados. Não está vendo logo pelo jeito da pequena?

— Não importa. Preta! Não viu o sinal? Vestígio de raças inferiores. . .

José Lins calou-se. Daí a dias, cruzaram os dois com um dinamarquês, um desses brancarrões tremendos, cabelo-de-milho. Tinha no pescoço um sinal enorme. Um sinalzão. Então José Lins puxa pelo braço de Graciliano, aponta disfarçadamente para o dinamarquês, e desfecha:

— Preto!

— Mas. . .

— Preto! Não está vendo o sinal, Seu Graciliano?

José Lins triunfou. E contava o caso, às gargalhadas, terminando sempre desta maneira:

— Sim senhor! E eu que passei três anos ouvindo com a maior atenção tudo o que o Graciliano dizia! Às vezes ficava de queixo caído; para mim o diabo do velho era um mestre. Agora é que estou vendo: Graciliano Ramos não sabe nada. . . “Preto!” Homem, te dana. . .

E vinham novas risadas:

— A mim é que aquele velho não me pega mais com a ciência dele. . .

Fiscal de selo adesivo, muito se atrapalhava quando, no exercício das funções, tinha de fazer cálculos. Tomando, certa vez, os livros de uma casa comercial, dignamente procurou verificar a exatidão das contas. Pôs-se a garatujar umas parcelas. O lápis incansável povoava de cifras o papel. José Lins, que não sabia ler nem fazer contas em perfeito silêncio, batia os beiços, ciciando números e números. Os cálculos, porém, não davam certo, não conferiam com os assentamentos do livro — e os olhos do fiscal, de ordinário tão serenos e bons, faziam-se duros e frios, na entrevisão de um dolo. Foi quando interveio o empregado do estabelecimento (que era, por sinal, meu irmão):

— Dr. José Lins, me desculpe. . . mas parece que há um engano do senhor. . . O senhor não botou as parcelas em ordem; está somando dezenas com unidades, centenas com dezenas. Um engano, não é?

O digno fiscal não se amolou com a observação; deu por finda a conferência, lamentando-se, numa ligeira gaguez;

— É. . . eu não sou muito forte nessa história de matemática, não. . .

Súbito, em plena sessão de um dos cinemas de Maceió, José Lins do Rego aponta, na tela, um artista magro e idoso, e expede um grito:

— Aquele sujeito é direitinho o Mascarenhas!

Era Mascarenhas um velho, pernambucano, que andava em Maceió, às voltas com uns negócios de usinas. De outros tipos José Lins descobriu sócias no cinema, e anunciou a descoberta com o mesmo gesto e o mesmo estrépito.

Costumava dormir cedo, entre as nove e meia e as dez horas. E, se lhe acontecia ir a uma reunião em casa de amigo, era bem freqüente que depois das nove começasse a falar menos e, em seguida, a bocejar. Dos bocejos ia passando a uma posição cada vez mais cômoda na cadeira onde se achava sentado; espichava-se, recostava-se, repimpava-se à vontade — comodista que só ele; notava-se-lhe uma séria, desusada economia de gestos, risos e palavras. . . Daí a pouco, eis o homem a roncar. Roncar. literalmente. Alguém ri, fala mais alto, e ele abre os olhos assustados. Dá uma palavrinha — e põe-se a concitar os outros à retirada. Este hábito se desenvolveu à larga no Rio de Janeiro. Era uma das manifestações do seu egoísmo — egoísmo infantil.

Outro aspecto marcante da individualidade humana do escritor, e que se deve prender a essa infantilidade: a tendência para a caricatura. Quando, em conversa, se referia a tipos curiosos de suas antigas relações — sobretudo dos tempos do engenho —, o exagero entrava em cena. Se o sujeito era bochechudo, José Lins punha as mãos à distância de meio metro das faces para exprimir-lhe a protuberância das bochechas; se fosse um barbaças, no gesto de José Lins a barba descia abaixo dos joelhos. E com essa mesma tendência caricatural reproduzia as barrigas proeminentes, as vozes finas ou grossas, os olhos abotcados. Uma deformação ingênua, mas que fazia rir, pelo espírito de que ele a animava, pelas suas próprias risadas, tão escandalosamente saudáveis, convite ao riso geral.

Muito inclinado a confissões, particularmente a respeito da sua obra. Um dia lhe mostrei a minha surpresa ante a facilidade com que ele compunha um romance: fizera o *Menino de Engenho* e o *Doidinho* cada um em cerca de um mês. José Lins me explicou:

— Não há dificuldade nenhuma. Tudo o que eu boto nos livros está dentro de mim. Quando escrevo, aquilo vai correndo com a maior naturalidade; é como se eu furasse uma pipa.

Assim mesmo: era como se furasse uma pipa.

Naquele tempo — e nos primeiros anos de Rio de Janeiro, para onde se transferiu em 1935 — José Lins do Rego usava chapéu. E usava tanto, que até nas casas onde era recebido costumava entrar de chapéu na cabeça. Na casa de uma família de grande intimidade sua ele assim entrava (sem dar bom-dia, como tinha por hábito) e encaminhava-se à cozinha, onde levantava as tampas das panelas a ferver — com a maior naturalidade e o chapéu sempre na cabeça.

Uma casa não é só umas tantas portas e janelas, teto, piso, paredes, que encerram friamente vidas sobre vidas. Entre as paredes duma casa se conserva, impalpável mas nítido, algo dos seus habitantes — sobretudo daqueles que a marcaram com uma longa morada e uma personalidade forte. O tom neutro do apartamento, espremido e confundido entre vários outros iguais, esbate e anula mais de pronto as presenças humanas que com ele conviveram. Não assim a casa: com a sua fisionomia própria, única, assimila e absorve fundamente as vidas que lá viveram suas dores e alegrias.

Aquela casa da Avenida da Paz (atual, Duque de Caxias), fronteira ao mar, conserva ainda hoje — volvido quase meio século — um tudo-nada do romancista que nela escreveu os seus três primeiros romances.

Nunca lhe vi abertas as janelas, quando por lá passei nas últimas vezes; mas vi por trás das janelas cerradas — aquela maneira de ver tão grata a Baudelaire — o comprido corredor, a estante preta de José Lins, que veio a ser minha, os seus numerosos livros, tantos deles de primeira ordem, sua mesa de trabalho, os seus quadros, e, em meio a tudo isso, a figura do escritor, muito menos gordo então, bem mais jovem, já sem costeletas, e o monóculo pedante substituído pela honesta simplicidade dos óculos.

Por vezes experimentei uma quase sensação da presença física de José Lins do Rego. Pois além das impressões visuais (a mesa de trabalho, o tinteiro de tinta Sardinha, a caneta, o caderno onde ele escreveu o *Bangüê*, naquela sua miudinha letra garranchenta, espalhando-se por linhas e entrelinhas) não tinha eu a impressão de ouvir os apavorados gritos de seus pesadelos?

Certa vez, até me aconteceu ver José Lins do Rego saindo de casa comigo, à tardinha, para sentar-se num dos bancos da Avenida da Paz, e ali, em frente ao mar, com os olhos invadidos de uma emoção que o vidro dos óculos mal dissimulava, declamar versos de Austro-Costa, poeta pernambucano que fora uma das suas admirações dos tempos de Academia:

Tarde para se ler a Imitação e os versos  
dos poetas infelizes! 1

Ou aqueles extraordinários versos do poema "A Vida", de Antônio Nobre:

Ó grandes olhos outonais! místicas luzes!  
Mais tristes do que o Amor, solenes como as cruzes!  
Ó olhos pretos! Olhos pretos! Olhos cor  
Da capa d'Hamlet, das gangrenas do Senhor!

"Tenho quarenta e seis anos, moreno, cabelos pretos, com meia dúzia de fios brancos, um metro e 74 centímetros, casado, com três filhas e um genro, 86 quilos bem pesados, muita saúde e muito medo de morrer. Não gosto de trabalhar, não fumo, durmo com muitos sonhos e já escrevi 11 romances. Se chove, tenho saudades do sol; se faz calor, tenho saudades da chuva. Vou ao futebol, e sofro como um pobre-diabo. Jogo tênis, pessimamente, e daria tudo para ver o meu clube campeão de tudo. Sou homem de paixões violentas. Temo os poderes de Deus, e fui devoto de Nossa Senhora da Conceição. Enfim, literato da cabeça aos pés, amigo dos meus amigos e capaz de tudo se me pisarem nos calos. Perco então a cabeça e fico ridículo. Não sou mau pagador. Se tenho, pago, mas se não tenho não pago, e não perco o sono por isso. Afinal de contas sou um homem como os outros e Deus queira que assim continue".

Isto que se ouviu apareceu, há trinta e três anos, nos "Arquivos Implacáveis", de meu amigo caríssimo João Condé. É, positivamente, um auto-retrato, tão breve quanto perfeito, do homem José Lins do Rego.

Vou falando e, à medida que falo, estou-me lembrando de José Lins e de seus tiques, suas brincadeiras, suas esquisitices, suas idiossincrasias.

Era um hipocondríaco.

Lembrando esse aspecto tão bem característico do autor de *Fogo Morto*, contava Otávio Tarquínio uma curiosa história do querido amigo comum — e incomum. Depois de consultar Silva Melo e o Professor Austregésilo, deliberou Zé Lins recorrer às luzes médicas de Gastão Cruis. Gastão, que, embora médico, jamais clinicou, tomava-lhe o pulso. Ia trazendo à tona da memória uns esvaídos traços do que aprendera no seu curso, já um tanto longínquo, enquanto José

1. O texto reproduz o de Valdemar Lopes em seu *Austro-Costa, Poeta da Província* (Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1970). José Lins dizia os versos assim:

Tarde para se ler a Imitação de Cristo  
e os versos dos poetas infelizes!

Lins palpava e repalpava o pulso, com pressentimentos maus. Cheio de dedos, Gastão diagnosticou, com um riso inquieto e nervoso:

— Não vejo nada de mais. Em todo caso, talvez convenha você fazer um regime. . .

Dias depois voltava José Lins do Rego a Silva Melo. Silva Melo examinou-o quase só por honra da firma, e lançou, com ar de austeridade, a frase que viria a tornar-se imortal:

— Seu José Lins, você é uma grande saúde à procura de uma doença.

Certa vez, em Maceió, Aloísio Branco foi ao cinema com José Lins. Aloísio tinha lá umas fumaças de entendido em Cinema, com C maiúsculo. E pouco antes de acabada a fita (*a fita*, e ainda não *o filme*), saiu-se com esta:

— Fita ruim, Seu José Lins! Não tem cinema!

Não ter cinema — era, logo se vê, como se dissesse: não tem a força do grande cinema, não tem vôos, é rasteiro.

Porém José Lins, fingindo não entender assim, diz, ou antes, berra:

— Então fomos roubados, Seu Aloísio! Comprei o ingresso pensando que isto era um cinema. . . Vou pedir de volta o meu dinheiro! Fui roubado!

Falei na péssima letra de José Lins do Rego. Lendo uma dedicatória sua a Olívio Montenegro, de 1930 (era uma tradução francesa de *Napoleão*, de Emil Ludwig, que ele estava oferecendo), e comparando-a com a que ele me fez nos *Meus Verdes Anos* (1956), noto que a letra melhorou um pouco no decurso de uns vinte e cinco anos. Eis a dedicatória:

“Para o Olívio lembrança  
de José Lins do Rego.  
Maceió [ ? ] 1930”

E um tanto abaixo:

E você o que me dá, Olívio?”

É a cobrança, ali no duro, toma lá, dá cá. Por essa altura José Lins devia de estar em Maceió.

Por falar em Olívio Montenegro. . .

Pelos fins da década de 20, havia certa bandalheira no ensino então chamado secundário, de modo que alguns estudantes prestavam exames neste ou naquele Estado da Federação, onde as coisas eram mais maneiras. Até que, pela altura de 1929, deram de mandar as provas de quem as fazia em Maceió para serem julgadas no Recife. Um dos professores encarregados desse julgamento, na prova de História Universal, era Olívio Montenegro. Aloísio Branco não ia lá muito bem das pernas nessa matéria, e pediu a Zé Lins que intercedesse por ele junto a Olívio. Sucede que Aloísio escrevera na prova mais ou menos isto: "O Nilo corre apertado entre montanhas, como se com elas formasse um sanduíche". E Mestre Olívio recebe de José Lins um telegrama nestes termos: "Peço ponha nota alta prova que contiver palavra *sanduíche*".

No Rio de Janeiro, José Lins do Rego, preso a costume da infância, continuava a acordar cedo. Escrevia e/ ou lia cerca de uma hora, tomava café, e saía, em geral, de lotação. Ia conversando com este ou aquele passageiro. As conversas eram, sobretudo, acerca de futebol. E tantas foram elas que delas nasceu o batismo de uma seção que manteve em *O Globo*: "Conversas de Lotação". Ia ao barbeiro — na Avenida Rio Branco — e era íntimo da gente da barbearia. Tinham todos um idioma comum: o futebol. Almoçava na Confeitaria Colombo. Tão conhecido era dos chefes da casa (e também dos garçons, com quem trocava palavras nada convencionais), que hoje se vê no refeitório uma placa onde há palavras alusivas ao prestígio de José Lins do Rego ali.

Passava na Livraria José Olympio — no 110 da Rua do Ouvidor — e no escritório, situado, por então, na Rua Primeiro de Março, e depois no Beco dos Barbeiros. Como era dado a mexer em tudo — uma curiosidade universal — mexia nos papéis da mesa do editor. No íntimo, J. O. não havia de gostar. Mas que fazer com José Lins? Quem podia com ele?

*Cangaceiros*, o seu último romance, um ano antes de sair em volume (1953) apareceu em folhetins na revista *O Cruzeiro*. Herberto Sales, diretor de *A Cigarra*, acompanhou a publicação em folhetins, revendo originais e provas; e freqüentemente José Lins lhe falava, por telefone, a respeito da parte já publicada. Queria o romancista saber da impressão do colega e admirador:

— Está gostando?

— Sim, muito. Estou gostando muito, mesmo.

Etc., etc.

José Lins, encantado:

— Pois é . . .

De repente, Herberto:

— Agora, eu acho que o senhor. . .

(Creio que assim o tratava Herberto Sales, homem o seu tanto cerimonioso).

E fazia uma sombra de restrição.

A restrição não passava de uma sombra: sem demora José Lins desligava ruidoso o telefone.

Muitos devem conhecer a sua frase tão repetida quando ouvia, ou lia, elogios a seu respeito:

— É. . . tem-se uma ponta de gênio, tem-se!

Viana Moog se delicia só de lembrar essa declaração do grande escritor, da admirável figura humana. Muitas vezes ouvi e outros terão ouvido José Lins proclamar:

— Pois é! Com J. Lins do Rego ninguém pode!

Assim mesmo: *J. Lins* em vez de *José Lins*.

E, quando lhe gabavam, de cara, alguma de suas imagens, comparações ou metáforas de aceso brilho (e não são poucas), ele contravinha:

— Pois é, meu caro: tem-se um pouco de gênio! Tem-se!

Brincadeira, sem dúvida. Mas que era tocada de uma vaidadezinha, lá isso era. (É vaidoso quem pode. . .)

No carnaval, em Maceió, José Lins do Rego endoidava, se esbaldava. Pelas alturas de 1932-33, já trintão, fazia o passo com animação extraordinária, cinco, seis horas a fio, e depois ia mudar a roupa em casa, para dançar na Fênix. O passo! Leiam ou releiam, em *O Moleque Ricardo*, as referências a essa dança espartosa.

Leiamos, agora, o trecho final de *O Moleque Ricardo*. Ouçamos José

Lins do Rego numa página sua, das mais altas, das mais intensas, que se escreveram, em qualquer tempo, em nossas letras, talvez nas letras da nossa língua. Combinação de quanto há de mais puro, de mais simples, de mais povo, desse escritor (que, no dizer de Carlos Lacerda, "tinha o povo no sangue, não o trazia na cabeça. Levava o povo nas veias", que "era povo. Sentia povo"), com o que existe de mais fino e mais forte, mais vernáculo, na boa tradição da língua.

Atente-se bem no processo de repetição (processo agudamente estudado por Mário de Andrade, tratando de *Riacho Doce*), no ritmo sincopado, na harmonia imitativa, nas frases em que os vocábulos parece atritarem-se entre si, para depois vencer o obstáculo aparente dos pontos-finais e dos parágrafos, e receber a mais rica das seivas, que rebenta dos interstícios frásicos.

Tem a palavra José Lins do Rego:

"Os negros bons iam para Fernando. O que tinham feito eles? Dizia Seu Lucas voltando para casa. O que tinham feito eles, os negros que não faziam mal a ninguém? Jesuíno era uma besta de bondade, Ricardo tão bom! Os outros deviam ser também. O que tinham feito eles para ir pra Fernando? Seu Lucas não sabia. Queriam de comer, queriam de vestir, queriam viver. E Seu Lucas chegou no jardim com esta dor no coração. Vira os seus negros no vapor mandados pra Fernando. Murchassem as roseiras, cortassem as formigas as folhinhas das plantas, secassem os canteiros. Os seus negrinhos iam pra Fernando. Que tinham feito eles para ir pra Fernando? Seu Lucas cuidava das plantas. Os trens passavam roncando pelas grades de seu jardim. Passavam vendedores cantando as suas vendagens. O homem da vassoura parou para falar:

— Soube, Seu Lucas, o navio saiu hoje cheio de gente. Da minha rua foi um. Ninguém fez nada não. Foi por causa da greve.

Seu Lucas não disse nada e o homem se foi. O feiticeiro sentiu uma coisa de fora entrando dentro dele. Era bem diferente da entrada de Deus em seu corpo. Era uma coisa que nunca tinha sentido na sua vida. Tinha sofrido muito neste mundo de Deus. Prisões, cadeia, mas tudo ele agüentava com fé, agüentava sabendo que era bom para ele sofrer. Agora não. Uma coisa de fora mexia com o negro velho. O sol queimava as folhas de suas plantas, as roseiras abriam-se para o sol. Seu Lucas não via o jardim, a sua cássia-régia gloriosa, as dalias cheias de vida. Não olhava, não via. Os seus negrinhos iam pra Fernando. Num mar navegando, num mar carregados para o cativeiro. Ficou pensando. Uma coisa esquisita entrava pelo seu corpo. Que fizeram os negros? Que fizeram Ricardo e Jesuíno? Mataram? Roubaram? O governo mandava os infelizes pra Fernando.

Seu Lucas ficou assim até de noite. Era noite de culto, noite de rezar para o seu Deus.

Os cantos das negras, os passos das negras, no Fundão, tinham no terreiro com os instrumentos roncando. Naquela noite o negro velho vestia as suas vestes sagradas sem saber o que ia fazer. Todos já estavam prontos para os ofícios, para as rezas familiares. Seu Lucas de lado tirava as rezas. Era o cantar mais triste que um homem podia tirar de sua garganta. Os negros respondiam no mesmo tom. E foi crescendo a mágoa e foi subindo a queixa para o céu estrelado do Fundão. O sapatear dos negros estremecia o chão, os instrumentos acompanhavam as queixas, os lamentos. E com pouco Seu Lucas começou a dizer o que queria, o que sentia. As palavras do ritual não eram aquelas que lhe queriam sair da boca. Deus estava no céu. Ogum no céu com S. Sebastião. Ele queria cantar outra coisa que não aquilo que ele cantava todas as noites. E os negros na dança iam ouvindo o que Pai Lucas dizia. O mestre falava dos negros que iam pra Fernando.

— Que fizeram eles? Que fizeram eles?

— Ninguém sabe não.

Que fizeram os negros que iam pra Fernando? A voz de Seu Lucas vibrava. Todo o seu corpo se estremecia.

— Que fizeram eles que vão pra Fernando?

E os negros respondiam misturando a língua da reza deles com as perguntas do sacerdote, de braços estendidos para o céu.

— Que fizeram eles? Ninguém sabe não!

E o canto subia, subia com uma força desesperada. As negras sacudiam os braços para os lados como se sacudissem para fora do corpo. Os peitos, as carnes se movimentando numa impetuosidade alucinante. A terra do Fundão estremecia. Pés de doidos, de furiosos furavam a terra. E Seu Lucas com a boca para cima misturando as mágoas com as suas rezas:

— Que fizeram eles que vão pra Fernando? Ninguém sabe não!

Seu Lucas não era mais um Deus naquela hora. Como um homem qualquer ele falava pelos pobres que no mar se perdiam. O canto dele varava a noite, varava o mundo:

— Que fizeram eles que vão pra Fernando? Ninguém sabe não!